

Engatinhar

Por João Pedro Souza Dias

Não me veio à tona o meu primeiro caderno. Lembro-me, porém, do meu primeiro ano na escola, quando minhas letras ainda eram pouco legíveis, do meu avô me levando à aula na garupa da bicicleta e do mingau de milho que minha mãe fez para eu merendar. A verdade é que as memórias do meu processo de alfabetização se confundem com os vários e remotos processos que aconteceram em minha primeira infância. Eu brincava com lápis de cor e com as sobras – propositais ou não – das atividades que minha mãe rodava no mimeógrafo para os professores do Grupo Escolar.

Minha avó residia em frente à escola em que minha trabalhava, e eu ficava lá e cá. Lembro-me de adorar as historinhas infantis e de certa feita tentar copiar aqueles desenhos, as palavras não. Lembro-me do tamanho da realização ao concluir aqueles livrinhos e de quando li o primeiro livro em brochura, chamado “Alecrim”, o que para mim era avançar para outra fase da vida.

Segui ensaiando letras mais legíveis com os cadernos de caligrafia, encarando e conhecendo novos formatos de leitura, mas as lembranças mais remotas do meu “B-A BA” permanecem bem escondidas nos becos da minha memória.



Tentar

Por João Pedro Souza Dias

O sino já havia sido tocado, meus colegas da segunda série tinham saído todos, exceto eu. Permanecíamos dentro da sala de aula: a professora, com a borracha na mão, e eu, com o lápis e o caderno terminando a atividade. Ela apagou várias vezes; refiz até o meu êxito, que também coincidia com a minha exaustão.

Depois de momentos assim, aprendi a não desistir fácil das coisas e esqueci das limitações que me foram impostas. Observava Vovó Calú fazendo ponto cruz e pedia que me ensinasse; fui até bem, apesar de hoje eu não saber mais. Via mainha cozinhando bolos e eu queria fazer pão de queijo; ficou até bom e comemos com café, às 15.

Aos poucos, aprendi a olhar o mundo e a tentar enxergar e compreender coisas que não faziam parte de minhas vivências. Aprendi a engolir sapos; a olhar os olhos do outro e perceber que não está tudo bem; a me perguntar o porquê do mundo ser tão desigual; a abraçar com brandura e a dizer não. Aprendi o significado do verbo arriscar só reparando as brechas no tempo e me dando conta dos resultados de minhas ousadias.



Hiato

Por João Pedro Souza Dias

A gente não aprende a viver na escola. À francesa, as letras podem se inserir em nosso banco de dados. Mas é “chover no molhado” querer dizer a quem se-vira-se-virando, desde as primeiras lágrimas de fome, para seguir escritos. O instinto é anterior; e tatear é próprio daquele que logo sairá andando.

Os floreios vêm depois; e aos tropeços enxergamos outras formas de ornar o andado sem desequilibrar. Algumas coisas, porém, não têm por onde colocar brilho. Bucho que cola às costas não tem boniteza, e sim dor; ritmada em contrações com gosto ruim na boca. Isso leva a matar cachorro a grito, a dar nós para diminuir os espaços a serem preenchidos e passos lentos para não perder o ar.

Com isso, vive-se no sobreviver das sobras. Sem saber direito o pronome adequado e respondendo à ironia de que “mim” é aquele que não tem com o que ser saciado.



Sede

Por João Pedro Souza Dias

Antes de mais nada, que eu viva. Sendo assim, o segundo plano, o do registro, poderá ser permeado pelas misturas da vida com o imaginar.

A sinestesia feita de código tornar-se-á resultado de uma sinestesia primeira: experiências sensoriais a serem problematizadas, musicadas, levadas.

Anéis, nãoos, acordes, transeuntes, paralelas, panelas, sangue, não sei. Tatuei, tateei, Heráclito, *panta rei*. Mudei, mudo, grito, cantando, porém. Abraço, sorriso. Sano sina de cansaço: estilhaços que rimam. Aqueço, desembaraço, leio, saro.

Desespero-me e acalmo. Escrevo e me rasgo, me colo, dou-me colo, penso em coisas irreais, reais, me viro ao avesso. Me endireito querendo ser só eu. A mim, basta a vida vivida.

